

1003872
São Leopoldo, RS

Ricardo Brasil Charão

Repensando a nossa história

Ato 1

Quando os primeiros alemães chegaram ao atual estado do Rio Grande do Sul no ano de 1824, o Brasil havia pouco tornara-se um país independente. Anteriormente, um outro grupo havia desembarcado no Rio de Janeiro. Dentre as estruturas herdadas do domínio português e mantidas após a independência, duas destacavam-se: a) a manutenção da escravidão, e; b) a manutenção do padroado régio, ou seja, de um sistema através do qual a Igreja encontrava-se sob a tutela do Estado. Assim permaneceu até 1889 quando foi proclamada a república e estabelecida, a partir daí, a separação entre Igreja e Estado. Dentre as 39 famílias de imigrantes que desembarcaram em São Leopoldo, em julho de 1824, 33 eram evangélicas. A partir daí, novas levas de imigrantes alemães foram chegando, até que em 1830 o governo imperial decidiu cortar de seu orçamento os subsídios destinados ao financiamento da imigração. Assim, o processo imigratório foi interrompido até 1845, quando ao final da Guerra dos Farrapos deu-se sua retomada, agora sob a responsabilidade das províncias. A grande maioria dos imigrantes chegados até então era evangélica. Estes imigrantes eram, portanto, trabalhadores livres e adeptos de uma religião apenas permitida, em um país cuja economia dependia do trabalho escravo e onde a religião oficial era o Catolicismo Romano. O tempo passou, novas levas de imigrantes chegaram e posteriormente duas igrejas luteranas estruturaram-se no Brasil. Assim, chegou ao Brasil o que se denomina de Protestantismo de Imigração. Este, tem sua origem neste povo evangélico que para cá migrou, fugindo da fome, do desemprego e da perseguição política na Alemanha.

Ato 2

Todo povo tem sua história. Todo povo necessita de uma história, esteja ela próxima da verdade ou não. Conhecer a história é saber dos atos de nossos antepassados. Desta forma, temos como entender a nós mesmos, ao modo como somos e agimos. Mas não só isto, ao conhecermos a história, podemos entender porque a sociedade, a Igreja, o mundo, mundo, encontram-se estruturados de uma forma e não de outra. Portanto, um povo que não tem história é um povo que não existe. Se não sabemos quem foram e como agiram nossos antepassados não temos raízes, ou seja, não temos história, somos apenas objetos da/não história de outros. A verdade, contudo, é que todos os povos tem cultura, tem história: índios, negros, italianos e alemães ... todos têm história. A



A visitação

questão que se coloca então é: como foi contada a história. A história de uns foi "esquecida" ou "denegrida". A de outros, foi "colocada sobre um pedestal", foi "maquiada", ou seja, tornou-se uma epopéia, o relato de algo heróico, fabuloso, grandioso. A existência desses dois pólos/modelos é algo que necessita ser superado. Como superar isto? Superamos isto ao reconhecer que não existe a História, como algo objetivo, absoluto, definitivo. O que existe, são representações, construções do passado. Estas construções não são a Verdade. Verdade aqui entendida como a descrição fiel e definitiva daquilo que aconteceu, em todos os seus detalhes. O que há, pode-se afirmar, são representações, construções mais próximas ou mais distantes daquilo que aconteceu. Para julgarmos de forma crítica e coerente estas versões do passado que recebemos, podemos utilizar diferentes fontes e métodos de pesquisa.

Ato 3

Que história nos foi contada sobre a escravidão no Brasil? Que história nos foi contada sobre a imigração alemã e os inícios do luteranismo no Brasil? Tem "estas duas histórias", alguma relação entre si? É para esta relação que se quer apontar neste pequeno texto. Sempre ouvimos que os imigrantes, também os evangélicos, não tinham escravos, visto que eram pequenos agricultores, sem recursos, agricultores limitando-se a desenvolver a policultura em âmbito familiar. Além disso, os imigrantes seriam representantes de uma cultura que valorizava o trabalho livre. Com sua chegada, iniciou-se um processo de revalorização do trabalho, tão desmoralizado pela mentalidade lusa escravista. A chegada dos imigrantes e do protestantismo foi signo de progresso. Sem dúvida foi. Houve diversificação da produção, aumento de seu volume, crescimento econômico e revalorização do trabalho, dependendo do ponto de vista que adotarmos. Entretanto, este crescimento

não se deu, imediatamente, sem uso de mão-de-obra escrava. Imigrantes e seus descendentes também possuíram escravos. É estranho ouvirmos isso. As histórias sobre negros nas colônias alemãs que estamos acostumados a ouvir, são aquelas do negro que para surpresa de viajantes fala alemão e se considera um do grupo. São anedotas, são "causos". Ao ouvi-las, nos limitamos àquilo que nos é contado. Não nos perguntamos como ele teria ido parar ali, como teria aprendido alemão, que função ocupava nesse grupo social. Apesar da legislação proibitiva, diversos imigrantes alemães, e dentre eles muitos evangélicos, possuíram e/ou traficaram escravos. Em caso de dúvida, basta consultarmos os livros de registro de nossas comunidades mais antigas. Nos livros de São Leopoldo, Hamburgo Velho, Estância Velha e outros, encontramos registros de batismos e, excepcionalmente casamento e sepultamento. Em Estância Velha, por exemplo, o pastor referia-se nos registros de batismo aos filhos de escravos como "Kind" (= criança) e nunca como "Tochter" (= filha) ou "Sohn" (= filho), como os filhos de pessoas livres. Em Hamburgo Velho, por sua vez, nos registros as crianças são apontadas como *filhos ou filhas de uma escrava de ...* Não há referência ao nome da mãe e sobre o pai não se encontra informação alguma. Os padrinhos via de regra eram os proprietários e as crianças recebiam o sobrenome destes. Havia, em alguns casos, alteração da grafia de certos sobrenomes. É o caso da família Difenthaeler, cujos escravos tinham seu sobrenome grafado Diefenthäler, a fim de distingui-los de seus proprietários. Se os imigrantes estavam proibidos de possuir escravos, os pastores também estavam proibidos de batizá-los, pois religião oficial era apenas o catolicismo romano. Teríamos, possivelmente, bem mais registros caso não houvesse limitações a esta prática. O que aponta para isto são os inúmeros registros de escravos pertencentes a evangélicos, os

dados dos censos populacionais, os testamentos, os inventários e outros documentos da época.

Que história nos foi contada sobre a escravidão no Brasil? Que história nos foi contada sobre a imigração alemã e os inícios do luteranismo no Brasil? Tem "estas duas histórias", alguma relação entre si? No mês de novembro comemoramos o Dia de

Consciência Negra. Que a comemoração deste dia e tudo que esta data evoca, nos ajude a responder estas perguntas, sem medo do passado, sem medo presente e, conseqüentemente, sem medo do futuro.

Ricardo Brasil Charão é mestrando em Teologia no IEPG São Leopoldo, RS, membro do Grupo de Estudantes Negr@s da EST e responsável editorial pelo Identidade!.

Notícias de outras terras

Peter T. Nash, Ph.D.

Gruß Gott!!!

Ein Herzlich Gruß aus Franken!

Estamos aqui na Europa há três meses. O trabalho está andando bem. Entre as horas longas nas bibliotecas, as palestras e cursos intensivos, estamos conseguindo conhecer alguns lugares interessantes. Cheguei na Noruega dia 10 de setembro. Apresentei meu trabalho num curso intensivo com dois professores noruegueses e alunos de mestrado da África do Sul, Estônia, Inglaterra, Etiópia e Tanzânia. Foi super bacana e confirmou algumas idéias minhas sobre cultura, o que antes me deixava tímido. Agora, com estas confirmações, não sou mais tímido nestes pontos. Jette, também lecionou na sua

Alma Mater tentando, mais uma vez, auxiliar os teólogos a entender o que é teologia da libertação.

E logo fiquei sabendo sobre a destruição na minha terra natal. Felizmente para nós, tod@s que conhecemos estão bem.

Para tod@s da IELCB e da EST, grandes abraços de Professor Erhard Gerstenberger e da Rita, assim como do Professor Erich Dobberahn e da Ellen. Lecionei e palestrei, no início de novembro na Phillipsuniversität - Marburg e Hermannsburg no Missionsseminar. Partilhamos boa companhia nas casas dos ex-leopoldenses. A viagem à Suíça não deu certo, mas uma surpresa feliz em seu lugar se apresentou. Lecionei em Lund na Suécia e no dia 4 de dezembro vou apresentar a

